

Óleo de palma

Efeito do plantio no Brasil não traz desequilíbrio

Cleber Lima Guarany*

RECENTEMENTE, FOI publicado interessante artigo na renomada revista britânica *The Economist* intitulado *The campaign against palm oil*, que relata a devastação das florestas nativas da Indonésia e da Malásia para dar lugar a extensos plantios de palma africana, mais comumente conhecida no Brasil como dendê.

O artigo também discorre sobre a pressão dos ambientalistas a respeito dessa prática, uma vez que nessas regiões estão ameaçados os habitats naturais de elefantes, rinocerontes, tigres e, principalmente, de orangotangos.

Grandes grupos empresariais compradores do óleo de palma são obviamente alvos dessa pressão e já não podem mais ignorar o problema que ganha espaço cada vez maior na mídia.

Malásia e Indonésia produzem, hoje, aproximadamente 90% do óleo de palma do mundo, e a crescente demanda pela *commodity* tem pressionado esses países a aumentarem suas produções e, conseqüentemente, as áreas de plantio.

Não se pode negar o benefício econômico que essa atividade traz para os países produtores quanto à geração de riqueza e distribuição de renda. Também é positiva a produtividade do óleo de palma, que é disparado a oleaginosa comercial de maior rendimento por hectare no mundo, dez vezes mais produtiva do que a soja, por exemplo, o que, em última análise, representa uma menor necessidade de área para produzir a mesma quantidade de óleo vegetal.

No Brasil, a produção do óleo de palma ainda é bem pequena comparada às produções da Malásia e da Indonésia, e o

Estado do Pará é hoje o maior produtor nacional e reúne condições excepcionais para o aumento de sua produção.

As condições edafoclimáticas para o cultivo da oleaginosa são ótimas na região denominada Polo do Dendê, situada em uma área de aproximadamente cinco milhões de hectares, altamente antropizada, cercada a oeste pelo Rio Moju e a leste pelo Rio Capim, estendendo-se até 250 km a partir de Belém em direção ao sul do Estado.

Uma verdadeira revolução econômica, social e ambiental está a caminho nessa região com o plantio da palma. Diferentemente da situação que encontramos no Sudeste Asiático, a produção de palma no Pará está centrada em uma região já desmatada, onde a paisagem predominante são pastos e áreas degradadas com densidade populacional e grandes problemas sociais.

Grupos empresariais começam a se mobilizar para instalar suas indústrias de esmagamento na região e aproveitar todo o potencial latente para a produção do óleo de palma.

O governo federal também fez sua parte. Através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) disponibilizou recentemente linha de financiamento chamada Pronaf Eco para estimular a agricultura familiar a plantar a palma e vender os frutos de cachos frescos para as indústrias de esmagamento, mediante contrato de compra e venda que garanta toda a absorção da produção.

Trata-se, portanto, de uma parceria profícua, pois, além de garantir a matéria-prima para as indústrias produzirem

o óleo vegetal, cada agricultor familiar com aproximadamente 10 ha plantados de palma ganhará líquido algo entre R\$ 1.800 e R\$ 2.200 por mês, dependendo da variação do preço do óleo no mercado internacional, ou seja, para uma realidade na qual o ganho médio mensal muitas vezes não ultrapassa os R\$100, esses valores representam uma distribuição de renda extraordinária.

Além disso, o governo finalizou para a região em questão o zoneamento econômico-ecológico que estabelece 50% da área da propriedade como reserva legal em áreas degradadas e consolidadas até 2006, ou seja, o pequeno agricultor terá de recuperar a mata nativa em 50% da sua área total. Um termo de compromisso de recuperação da reserva legal é exigido do agricultor familiar, para aprovação do crédito para o plantio da palma, junto à instituição financeira.

É fácil perceber que os desafios enfrentados pela Malásia e pela Indonésia são diametralmente opostos aos que o Brasil, e mais especificamente a região do Pará, está encontrando com a palma. A palma caminha para ser um importante instrumento para estruturação da agricultura familiar no Pará, gerando renda e incentivando a recuperação e preservação da floresta. Não existe solução ambiental sem solução social, e neste contexto podemos estar presenciando um dos maiores programas sociais e ambientais do mundo, tendo como principal vetor de estruturação o plantio da palma. ■

* Coordenador de projetos da FGV Projetos/GV Agro